

# Sarney vai convocar ministros no sábado

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney decidiu convocar para o próximo fim de semana os ministros da área econômico-financeira. Passará com eles o sábado e o domingo, provavelmente no Palácio do Jaburu, numa análise detalhada da situação e, em especial, procurando identificar os motivos e ver superadas suas óbvias divergências de opinião e de concepção. Pretende entrar fundo nas dificuldades de entrosamento e talvez convoque figuras do setor privado, para ampliar o leque dos debates. Aproveitará para uma espécie de prospecção a respeito de por que a máquina administrativa estatal não funciona, ou funciona mal.

Não se chegará ao exagero de supor que os ministros ficarão de castigo, em Brasília, mas é quase isso. Aproveitar-se-á o fim de semana, porque, de segunda a sexta-feira, a rotina toma conta e estrangula as melhores intenções.

Foi durante o voo de volta de Recife, sexta-feira, que o presidente revelou a disposição de reunir João Sayad, Francisco Dornelles, Roberto Gusmão, Pedro Simon e, certamente, outros ministros ligados ao campo econômico-financeiro. Queixou-se a diversos auxiliares e a ministros que com ele retornavam à capital federal. Sem colocar carapuças nem personalizar responsáveis, concluiu pela importância de a Nova República demarrar, e depressa, pois apesar de todos os esforços sentia que a única aeronave a ganhar altura no governo era o Boeing presidencial, durante suas viagens. Falou da necessidade de inovações e de iniciativas anti-rotineiras, enfatizando ser preciso ousar. A Nova República tem propostas e dispõe-se a mudar a face do País, no cumprimento dos compromissos celebrados em praça pública, mas, passados dois meses de sua investidura, mesmo envolta na dramaticidade da doença e da morte de Tancredo Neves, tem-se a impressão de que muito pouca coisa mudou. Esses comentários Sarney os fez reservadamente. De público, suas palavras têm sido de otimismo e de apresentação de propostas e realizações. Na intimidade, porém, mostra-se descontente e procura tomar iniciativas para virar o jogo.

João Sayad e Roberto Gusmão, pelo menos, não passarão o sábado e o domingo em São Paulo, assim como Francisco Dornelles não irá para o Rio nem Pedro Simon viajará para o Rio Grande do Sul. Eles e outros ministros deverão ser convocados de hoje para amanhã, ficando desde já sabendo que haverá expediente no final da semana, em Brasília. A reunião não terá foros de formalidade, mas sua liturgia parece definida: de gravata ou de paletó esporte, deverão estar preparados para a autocrítica, o mea culpa e, mais do que isso, para a apresentação de fórmulas capazes de produzir imediatas alterações na máquina estatal. Por isso, torna-se urgente o

entrosamento entre eles, acima e além da definição de áreas de competência, também imprescindível.

Ousar é uma das palavras mais utilizadas nas informais trocas de opinião entre Sarney e seus assessores. Sem precipitações nem atropelos, conforme seu estilo, o presidente se mostra decidido a romper o ciclo da acomodação, mas quer que isso se faça em conjunto, pelo governo como um todo. De nada adiantaria que saísse à frente, sem o respaldo do Ministério. Com tranquilidade, mas também com firmeza, vale a repetição, deseja que o governo demarre.

Dias atrás, num dos despachos matinais do Palácio do Planalto, o chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco, mostrava-se pessimista. Levou ao presidente a impressão de que nada funcionava direito, de que iniciativas tomadas na cúpula não chegavam à base da pirâmide governamental e, por isso, não se espratavam pela sociedade. Sarney injetou-lhe ânimo, reconhecendo não ser fácil alterar posturas que vêm de longas décadas, muito mais do que dos últimos 21 anos. Seria preciso tenacidade e disposição permanente para alterar o quadro. No fundo, porém, concordava com José Hugo no diagnóstico. Ou o governo promove a mudança de imagem em seus primeiros meses ou, depois, ficará muito mais difícil transportar as barreiras que vêm de longe. Sem gestos bombásticos, muito menos sem apelar para os desmoralizados planos de impacto, sem levantar a voz nem ficar buscando bodes expiatórios, importa ao presidente promover reformas e quebras de estrutura, começando pela mentalidade dominante há muito na própria sociedade. Ação governamental, para ele, nada tem que ver com interferência direta ou estatização crescente na economia, por exemplo. Significa, mais do que tudo, a definição e a aplicação de diretrizes gerais capazes de permitir o livre funcionamento da economia nacional. No plano social, onde a ação do Estado surge bem mais dimensionada, pouco se fará ou se colherá sem a premissa da ordenação econômica.

No correr da semana ontem iniciada, poderão sobrevir mudanças de roteiro, mas não parece provável que José Sarney desista da reunião com seus ministros econômicos. A idéia, aliás, é de aproveitar quantos sábados e domingos se tornem necessários para dinamizar o governo, polir arestas e programar iniciativas. Há mais tempo e melhores condições de trabalho, mesmo que aqui e ali alguém possa torcer a cara por perder horas de lazer e de convívio com a família. O presidente tem dito que os problemas são imensos e os prazos para resolvê-los, muito curtos. Além do mais dispõe de uma peculiaridade: dorme pouco. Quatro horas, quando muito, por noite. Assim, sem exigir de seus ministros essa correspondência, busca um método, a se caracterizar de agora em diante com as convocações de fim de semana.

C.C.